

"michela"

Chiara Lages

[Bibliotecária]



Bibliotecárias amantes das palavras se extasiam diante de dicionários, em especial os mais antigos e desconhecidos. Nas minhas atividades voluntárias de aposentada – *lhes falei disso, né?* – encontro preciosidades doadas. Semana passada, deliciei-me com um dicionário de nomes próprios em hebraico (traduzido em português). Absorta no folhear, atendi uma ligação 0300: *Oi, sou a Michelle, há um consignado aprovado p'ra você...* Enquanto respondia – *Obrigada, não estou interessada...* – meus dedos escorregaram... ao verbete "*Michela*", derivado do hebraico "*Mikha'el*", que também origina *Miguel*. Seu significado remete à pergunta "*Quem é como Deus?*" ou à afirmativa "*semelhante a Deus*". Há derivações variadas: Michelle, em francês; Michaela, italiano; Micaela, português Portugal... E outras alusivas a ofensas, como "*michela*" ou prostituta. Conta-se que Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos (foto), foi assim ofendida pelos Andradas (séc. XIX). Sorri ao pensar que *José Bonifácio - Patriarca da Independência*, naturalista (mineralogista), político, literato – que ele se decepcionaria ao saber o significado etimológico do nome próprio *Michela*. Os atributos a este nome remetem a uma mulher "*forte, independente e dotada de espírito de liderança [...] com atração natural*

pela justiça e forte habilidade para cuidar de outras pessoas [...] amável e resiliente". Bem similar à vida de Domitila. Vítima de violência pelo marido (afeito ao álcool, aos jogos de azar e à herança), desde que se casou aos 15 anos, espancada diversas vezes e ameaçada de morte, conseguiu o divórcio (após cinco anos) por ter sido esfaqueada grávida em local público. Em seus 70 anos de vida, tornou-se famosa pelo romance de sete anos (1822-29), e cinco filhos reconhecidos, com D. Pedro I. A Viscondessa, depois Marquesa de Santos (São Paulo, 1797-1867), ao receber os títulos nobiliárquicos, foi alvo da aristocracia que se julgava proprietária da nobreza em "Santos". Ou, quem sabe (?), as motivações de Bonifácio incluíam a solidariedade à amiga e Imperatriz Leopoldina devido à infidelidade de Pedro I... (*Rezzutti, 2013*). Não tanto pelos atos e cartas picantes, mas pela influência política de Domitila (p.ex.: indicação a cargos) e duração do romance. Casos extraconjugais no Ocidente, ao contrário do que a voz corrente 'acredita', eram (e são) comuns. Pedro I foi famoso por suas muitas amantes, inclusive uma irmã de Domitila (que teve um filho dele) e esposas da aristocracia. Bonifácio, outras e outros também desfrutavam dessas escapulias. A diferença, talvez, estivesse na discrição e esperteza dos envolvidos, hipocrisia das sociedades, interesses políticos nos segredos de alcova... As *cartas* do Imperador Pedro I levam a acreditar que eles nutriram uma forte paixão, com os inerentes arroubos e crises. Mas, para ambos, o pragmatismo falava mais alto. A Imperatriz Leopoldina, aos 29 anos e aclamada pelo povo brasileiro (falamos *aqui* sobre isso), morreu em 1826. O romance entre Domitila e Pedro I, que repugnava brasileiros e as cortes europeias, resistiu por mais três anos. Durante dois anos, diversas princesas lhe recusaram casamento em razão de sua vida devassa. Romperam em 1829 devido ao segundo casamento (com *Amélia de Leuchtenberg*) do Imperador com uma "nobre de sangue", que lhe exigia o rompimento com a amante e fidelidade. Voltando a São Paulo, Domitila também se casa, em 1833, com Rafael Tobias de Aguiar. Em 1834, adquiriu um casarão (*Solar da Marquesa de Santos*), onde continuaria a promover requisitadas festas. Também acolhia estudantes da Academia de Direito de São Paulo, como Álvares de Azevedo, efetuava doações em dinheiro a oficiais, soldados, mulheres e hospedou tropas da Guerra do Paraguai (1864-70). Vale lembrar que muitos "voluntários", na verdade trabalhadores e escravos recrutados, retornaram "*Inválidos da Pátria*" do front. Abrigá-los e às suas famílias era uma atitude que condizia a *michelas*, a *Michelas* e à Domitila de Castro, cuja trajetória de "grande mulher na história" tem sido retratada no teatro por damas da dramaturgia, como Dulcina de Moraes, na TV, cinema, óperas, releituras críticas, criativas e pertinentes da história do Brasil (*Bueno, 2017*) e outros. ■ ■ ■

Fontes consultadas: *Cartas do Imperador* // *Entrevista com Paulo Rezzutti, autor do livro "Domitila, a verdadeira história da Marquesa de Santos" (2013)* // *Domitila de Castro* // *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos: detalhes picantes dessa história de amor*.

Notas: 1. Pintura de Francisco Pedro do Amaral (1826). Domitila estaria com 29 anos.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.